

A CIDADE E A ENCANTARIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS ZELADORES DE SANTO EM CODÓ-MA

ROMÁRIO CHAVES OLIVEIRA¹

RESUMO: Os zeladores de santo são aqueles que cuidam das obrigações espirituais dos filhos de santo e guardam a sabedoria das entidades. O objetivo deste trabalho é analisar a presença dos zeladores de santo e seus terreiros para a constituição imagética da cidade de Codó-MA. A metodologia empregada foi a História Oral, pela qual podemos analisar as memórias dos zeladores de santo verificando a relação entre os terreiros e a história da cidade de Codó.

PALAVRAS-CHAVE: História; Cidade; Terreiro.

ABSTRACT: The saint-watchers are those who take care of the spiritual obligations of the sons of saints and guard the wisdom of the entities. The objective of this work is to analyze the presence of the caretakers of santo and its terreiros to the imagistic constitution of the city of Codó-MA. The methodology used was the Oral History, through which we can analyze the memories of the saint janitors checking the relationship between the terreiros and the history of the city of Codó.

KEYWORDS: History; City; Terreiro.

53

INTRODUÇÃO

A religião de matriz africana na cidade de Codó adquiriu muitos adeptos. Homens, mulheres, jovens e crianças hoje se denominam como membros de terreiro. Considerados zeladores de santo, nome adotado por muitas senhoras e senhores de terreiro, eles acreditam que receberam a missão de zelar pelos encantados. Isso também recebe o nome de “obrigação”,

¹ Licenciado em Ciências Humanas-História pela Universidade Federal do Maranhão; especialista em Docência do Ensino Superior.

que é o conjunto de compromissos e deveres que os mesmos têm dentro de um terreiro e que consiste desde um simples benzimento até a realização de grandes festejos em honra aos santos e orixás, sem falar das obrigações cotidianas.

Em conformidade com Ribeiro (2012), a áurea que cobre a cidade de Codó como terra da magia está intimamente ligada à vida dos zeladores dos terreiros. Isso porque eles são muitos e a sua religiosidade e sua vida influenciam na cidade a ponto de ser conhecida como “Meca”² da macumba. Além do que, os festejos realizados durante o ano permitem os cidadãos vivenciar o Terecô, direta ou indiretamente. Assim, todos são cobertos por essa áurea: tanto católicos como protestantes³ são abarcados pelos momentos de festejos dentro da cidade.

Os zeladores assumem diferentes papéis dentro da sociedade codoense: mãe, pai, esposa, marido, vigilante, professora, varredeira de rua e etc. O fato é que, além deles cumprirem com seus deveres cotidianos são encarregados de fazer acontecer a “missão”, para as quais foram designados por seus “superiores”. Suas vidas são influenciadas pela carga que lhes é imposta. A professora, por exemplo, deixa seu ofício e dedica-se durante os dias de festejos somente para as tarefas dos terreiros. Enquanto mãe e esposa, as mulheres deixam o lar e também se dedicam especialmente para os seus filhos de santo.

A intimidade que o historiador tem com o passado concede uma união que, num primeiro momento, pode ser concebida como duas coisas únicas e que se completam; não podendo deixar de concordar com essa afirmação, mas é de suma valia compreender o esforço que esse pesquisador faz para acessar o passado e estudar o mesmo na sua totalidade. Vencer as dificuldades adquiridas pela tentativa de decifrar o passado e erguer uma interpretação que seja dotada de imparcialidade torna-se muito complexo no ofício do cientista, principalmente quando se prende à memória, a que é dotada, conforme Cardoso (2000), de “lacunas”, “não ditos” e “recalques”.

A História Oral, enquanto metodologia, permite ao historiador ter o registro de histórias que são trazidas pela memória de pessoas que muitas vezes são consideradas agentes sociais “sem história”. A resposta é dada por discriminação esboçada, por exemplo, por xingamento como ressalta Dona Iracema (2015): “Naquele tempo a religião era criticada demais. Até hoje. Naquele tempo a gente não podia nem falar com todo mundo. Xingavam logo a gente perguntado “o que quer macumbeiro”?. Nessa perspectiva, a história oral traz à luz nuances que comportam grandes reflexões sobre o passado que, dependendo da repercussão, pode vir a ser

² Ribeiro (2012) adota este termo próprio de outra realidade; Meca, cidade onde os adeptos do Islamismo faz peregrinações, ilustrando o quanto a cidade é visitada pela sua notoriedade da magia

³ Muitos protestantes realizavam momentos de louvor enquanto a procissão de Bitá do Barão passava pelas ruas da cidade. Os protestantes entendem essa festividade pela concepção do maniqueísmo como algo “demoníaco” estimulando, assim, uma resposta contrária às festividades da religião de matriz africana

algo pronto e acabado.

A oralidade é um forte instrumento na formação do conhecimento sobre o passado, através da narrativa de pessoas que verbalizam o que ainda não foi dito. Com efeito, se é dado conhecer o passado pela ótica desses zeladores, então, é importante salientar a posição que eles assumem no momento das entrevistas de inclusão e exclusão.

Vislumbra-se a história de vida dos zeladores de santo, pois nos termos de Benjamim (1994), o narrador sempre inicia o seu depoimento trazendo à luz as suas experiências reais, fazendo assim da arte de narrar uma espécie de artesanato que se combina com o ofício do oleiro que molda a sua maneira, permitindo-os destaque a sua fala e colocando-os como sujeitos sociais construtores da sua própria história.

Quando se pensa a cidade de Codó pelo viés da imaginação, a reputação dos terreiros dentro ganha uma notoriedade singular, pois a realidade dos terreiros perpassa pela vida dos zeladores de santo, ou seja, o modo deles viverem e as memórias que foram passadas de forma oral sobre a história da cidade e a ligação da mesma com a magia influenciam muito na forma desses zeladores intuir a cidade, acarretando o que Pesavento (2007), chama a atenção para a capacidade de gerar uma cidade abstrata dentro de uma cidade real.

Isto posto, vislumbra-se os ritos de iniciação à vida de obrigação dos zeladores: Iracema Conceição, Maria dos Santos Sardinha, Aluizio Mota, Terezinha de Jesus e Nilza Viana. Posteriormente, far-se-á uma análise da seriedade desses terreiros para a cidade, como também a religiosidade como sociabilidade, isto é, convívio entre os zeladores e terreiros com os políticos. Com efeito, serão analisadas as forças abstratas que fizeram os condutores religiosos de fixarem em um determinado local da cidade.

55

A MANIFESTAÇÃO DA ENCANTARIA E A APRESENTAÇÃO DOS ZELADORES DE SANTO

Dona Iracema da Conceição hoje é responsável pela tenda Santo Antônio cujas festas ocorrem pelo mês de junho entre os dias 1 a 13 e no mês de julho, no dia 26 de julho celebra Santa Ana. Na sua iniciação aparecem problemas relacionados à sua saúde. Durante o dia estava com muito frio e à noite febres, apresentando fortes dores de cabeça. Nessa época ela morava em Timon-MA. Foi então que um amigo de dona Iracema, filho de santo de Maria Piauí, fez a proposta para Iracema ir com ele à cidade de Codó para tratar do problema de saúde. Contempla-se isso através do seu depoimento

Eu morava em Timon. Tinha um filho de santo dela (Maria Piauí) que era muito meu amigo. Ele disse assim: “olha, eu tenho uma mãe de santo em

Codó. Você quer ir para lá?” Eu vivia em casa de parente e aceitei. [...] Mamãe cuidou de mim. Ela fazia uns banhos, benzimentos. Porque hoje o pessoal não quer saber dos banhos caseiros. Nós aqui é o banho caseiro. Toda sexta feira ela fazia um momento, curando-me, me benzendo. Até quando eu meus guias começaram a se aproximar. Pronto, acabou aqueles problemas que eu sentia. É bom porque tudo que Deus dá a gente tem que receber, mas só que sofremos muito na vida espiritual (CONCEIÇÃO, 2015).

Quando perguntada como era o lugar do terreiro, ela mencionou que os filhos de santo de Maria Piauí não foram os primeiros a ocupar aquela área, pois havia um casal de idosos. O lugar era longe com as mesmas características de hoje; era quase inabitável em virtude de ser considerado um lugar distante da cidade, só a natureza tomava conta do lugar, como bem rememora dona Iracema. É importante salientar que, antes de estruturar a Tenda Santo Antônio, já havia a presença de outro terreiro: o do senhor Eusébio Jânsen. Ele morava pelas redondezas da cidade, mas arquitetou o seu espaço de brincar em um lugar onde hoje é o Centro de Compras, símbolo da “modernidade”, mas que, no passado, foi palco da marginalização onde quem ocupava o espaço era o pobre:

Morava um casal de velhinhos, era o pessoal que morava aqui. Aqui era mato, meu filho não tinha casa. Não era cidade, não era nada. Bem ali naquela pista tinha um peção de caju que a gente passava por debaixo. Aqui era só mato mesmo e a linha (do trem), quando ela (Maria Piauí) chegou, a linha já existia. Passava nesse tempo não era o trem, era a maria fumaça que apitava (CONCEIÇÃO, 2015).

56

No que se refere à história do terreiro, existem pequenas discrepâncias que tornam ao certo a data de fundação do espaço sagrado. Dona Iracema, moradora do bairro São Benedito, aduz o início do terreiro a partir da chegada de sua mãe. Conforme Ferretti (2001), foi no ano de 1936 que Maria Piauí fundou a Tenda Santo Antônio, E o terreno, que na época ficava bem distante da cidade, foi fruto de uma doação de um homem cujo vício, o alcoolismo, estimulava-o a entregar terrenos em troca de bebida. Sobre as discrepâncias, colhe-se o que assegura Ahlert (2013):

O fundo dos terrenos também é o espaço onde se localizam os “barracões” de muitos dos pais e mães de santo. As tendas que são tidas como as mais antigas da cidade – como a de Iracema (construída, se estima na década de 1940, por Maria Piauí), a de Maria dos Santos (que pertenceu a Antoninha e foi edificada, provavelmente, na década de 1960), a de Bitá do Barão (feita em 1954) – estão localizadas ao lado da casa desses pais e mães de santo e possuem acesso direto às ruas dos seus bairros. Segundo seus atuais pais e mães de santo, as tendas estão nas laterais das casas porque quando foram

construídas havia poucas construções próximas a elas. Nos anos seguintes, a cidade teria crescido, ocupando as áreas que antes eram mato e diminuindo a disponibilidade de espaço para as tendas (AHLERT, 2013, p.128).

Assim como essa narradora anterior, outra senhora que também iniciou a sua vida de encantaria na cidade de Codó foi a Dona Maria dos Santos. As primeiras manifestações ocorreram quando ela trabalhava na casa de uma família rica da cidade, numa noite chuvosa, em dezembro, onde ela teria recebido a primeira manifestação da sua vida.

Sou de Iansã com Xangô. Que são o meu povo principal. Minha corrente é Xangô com Iansã. Porque o povo não sabia a geração do chefe que é dono da croa (sic) das pessoas. Tudo isso indica pelo dia que às vezes a gente é focado. Eu fui focada a primeira vez 04 de dezembro, dia de Santa Bárbara. A segunda vez foi 06 de janeiro, mas eu não sabia o que significava. Agora o meu guia de frente sempre foi esse moço seu Leontino que é do povo de Légua, que são quem comanda a mata codoense (SARDINHA, 2015).

O primeiro contato com Dona Antoninha deu-se numa sexta-feira santa, isso ocorreu porque Dona Maria dos Santos não tinha mãe de santo que pudesse cuidar dos seus problemas espirituais. Ela já tinha passado pela casa de dona Maria Piauí, mas por um motivo não revelado na entrevista não pôde ser tomada aos cuidados desta. Portanto, teve a necessidade de juntar-se a alguém que pudesse ajudá-la e fazer com que entendesse aquilo que acontecia cujas explicações eram mistérios em sua vida. “A minha frequência na casa de mãe Antoninha é porque eu não tinha mãe de santo na época. Frequentei primeiro a casa da dona Maria Piauí. Então dona Antoninha foi que me acolheu na casa dela. Eu vim olhar uma sessão na sexta-feira santa”. (SARDINHA, 2015). Essa zeladora, além de apresentar suas experiências com os primeiros manifestos da encantaria, faz menção a Dona Maria Piauí, legitimando-a a alcunha de mãe caridosa.

As primeiras manifestações de Dona Maria dos Santos, moradora do bairro São Sebastião, ocorreram por volta dos seus 10 anos de idade quando ela, na época, trabalhava na casa de uma família da elite codoense. Ela estava trabalhando numa noite chuvosa quando aconteceu a incorporação, ou pelo menos a tentativa do encantado de se manifestar. Ela foi jogada em plena chuva assustando assim toda a sua família que foi chamada no momento, pois seus padrões não sabiam o que estava acontecendo com Dona Maria dos Santos.

Partindo agora para o rito de iniciação de outro zelador da religião afro-brasileira em Codó, Aluizio Mota, disse que entrou na religião com idade de 15 anos de idade manifestando no início problemas de saúde, mas mesmo assim ajudava sua mãe, lavadeira de roupa da cidade,

com as despesas da casa. Por isso, foi trabalhar na casa de Dr. José Anselmo, médico muito conhecido na cidade pela competência em resolver problemas de saúde dos moradores.

Seu Aluísio Mota, morador do bairro Nova Jerusalém, ajudava o médico com serviços gerais e em paralelo a isso, os problemas de saúde não cessaram. Então Dr. José Anselmo chamou atenção da mãe de Aluísio sobre a sua tendência à religião de matriz africana. Visto que o ele desmaiava constantemente no hospital em que trabalhava, teve que sair e procurar outro ofício. Começou então, a trabalhar como ajudante de pedreiro. Falando sobre a sua iniciação o senhor Aluísio Mota atesta que:

Um belo dia eu fui visitar um pai de santo em Coroatá. Passei uns tempo lá, já tinha meus 16 anos, já tava mais adulto. Muitas vezes eu caía em festa no centro operário. Depois eu passei a frequentar o terreiro da mãe Antoninha. Foi com ela que eu me desenvolvi. Só sei que nessa época eu já tava com meus 19 anos. Com 20 anos me batizei em meus guias. Como um filho dela foi fazer uma visita a Canidé, que ele tinha um sonho de ir lá e nessa viagem eu tava me desenvolvendo e me batizei. O filho dela morreu afogado. Foi pescar e morreu e ela ficou muito desorientada e me botou na casa do Bitá. E eu fiquei lá e passei 14 anos na casa dele e lá peguei mais uma base. Depois eu voltei para casa da mãe Antoninha, quando ela morreu e eu criei a minha casa. Ano passado (2014), de casa, eu completei 35 anos (MOTA, 2015).

58

Sobre o rito de iniciação de Dona Terezinha de Jesus, moradora do bairro Codó Novo, é perceptível a sua resistência em falar sobre o assunto. Entre os entrevistados dessa pesquisa, ela foi a mais silenciosa no que se refere aos detalhes da religião. Mulher de idade avançada e com deficiência visual, é detentora de grande sabedoria, quando se trata de suas festas e de seus trabalhos.

Ela menciona que sua iniciação, diferente dos outros que tiveram como estopim problemas de saúde, se deu desde pequena, uma vez que ela nasceu dentro do Terecô. Essa zeladora foi trabalhada desde cedo para seguir a vida de obrigação. Ela utiliza o termo *queimar vela* para como ocorriam as suas primeiras ações na religião. O termo queimar vela dentro da religião significa fazer o mal para uma pessoa, ou simplesmente acender uma vela para o encantado dono da croa do zelador. A líder religiosa Dona Terezinha teve forte influência para que a mesma começasse a bater tambores para a sua entidade. A respeito disso, ela explicou:

Quando nasci, pequena, já tava quase dentro do Terecô. Depois eu comecei queimando vela na mesa. Esse ano [2015] completei cinquenta anos de tambor. A mãe de santo mandou eu botar tambor. Eu não queria tambor, mas ela pelejou, pelejou pra mim botar. Me deu o tambor e me deu o maracá e agente fizemos essa festa. Ela mandou eu escolher o dia. O dia era comigo, pois lá na região que nós morava tinha muito tambor eu tinha que escolher o

dia que tinha tambor. Escolhi o dia de São Miguel. Agora a minha tenda é Santa Helena a santo da minha proteção, mas ficou com São Miguel. Por isso porque fui obrigada a escolher o dia mode (sic) os tambor que tinha. Ai escolhi São Miguel pra fazer minha festa. A tenda é santa Helena e a homenagem é são Miguel (CRUZ, 2015)

Outra zeladora de santo cuja história de vida revela a cidade, tal como ela é, denomina-se Nilza Viana. Atendida pelo nome religioso Nilza de Odé, a sacerdotisa iniciou a sua vida espiritual entre os anos 1963 e 1964. Depois de andar por diversos lugares do Maranhão, eis que surge Dona Antoninha para cuidar dos problemas espirituais que a princípio surgiram caracterizados como doenças físicas, mas com essência causadora associada aos encantados que queriam aproximar-se da mãe de santo.

Olha, foi doloroso. Doloroso por quê? A minha vida espiritual começou através de doenças, foi que eu cheguei até a umbanda. Até a casa do primeiro que foi seu Zé Ferreira em Alto Alegre no final de 63 para 64. Muito doente ainda, fui operada, mas continuava. Então tudo levava para o lado espiritual. Foi quando meu marido me levou, que Deus o tenha. Sofri muito. Muita coisa na vida não dava certo. Na época me prostei. Nã época o Dr. Anselmo mesmo me aconselhou a procurar outros meios. Que aquele não era o caminho que eu tinha que seguir. Então, foi que eu fui para a casa desse rapaz que se chama José Ferreira, no Alto Alegre. Na época o Alto Alegre era muito atrasadinho. Ai quando cheguei lá ,junto com meu marido , ele me olhou e disse para ele que meu caminho era a espiritualidade e que pra eu levantar tinha que seguir. Ai ele fez uns benzimentos, uns banhos, foi que eu melhorei. Daí ele disse que como Alto Alegre era muito longe, que eu procurasse a casa de mãe Antoninha no Codó para ela continuar o trabalho. Fui parar na casa de Antonia Olinda de Almeida, conhecida como Antoninha e lá eu vivi maior parte dentro do Terecô. Mas sempre ela dizia que aquele não era o caminho que eu tinha a seguir. Que tinha mais coisa pra eu buscar, pra eu entender. Que ela tinha certeza que eu ia chegar aonde tinha que chegar. Mas na época não entendia, eu achava que ela não tava fazendo conta. Eu passei 20 poucos anos com ela (VIANA, 2015).

Buscou-se expor os ritos de iniciação dos zeladores de santo porque eles fazem parte da constituição simbólica da cidade como terra da magia. Através de sua memória é plausível entender que a formação imagética da cidade perpassa antes de tudo pela sua realidade, ou seja, pelo seu modo de vida individual. A experiência de cada zelador é somada às outras experiências propiciando à coletividade de sentimentos e sentidos dados à cidade de Codó. É nesse contexto que leva à reflexão de como essa coletividade, ou seja, os terreiros e zeladores da cidade, principalmente os destacados nessa pesquisa, vão ganhando força.

A CIDADE DE CODÓ ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS ZELADORES DE SANTO

Conceber a cidade de Codó como um território de memórias é sem sombras de dúvidas assegurar que o território é dotado de certo prestígio para os outros moradores da cidade, ou seja, aqueles que percebem a cidade pelo real, pelo material. Isso ocorre por causa do reconhecimento que alguns codoenses dão aos terreiros e às mães de santo, e às práticas religiosas as quais contribuem para aqueles que as procuram.

Observamos o sincretismo religioso no nome dos bairros, bem como as atividades de cura feitas nos terreiros e como o crédito desses zeladores para a cidade de Codó é algo que foi imaginado aos poucos, estimulando o respeito dos moradores da cidade. Dona Iracema narra um fato do passado que ajuda a pensar isso:

Delegado mandava era a policia vir fechar. E ela dizia: “aqui no meu salão quem manda sou eu, não pago cota”. Quando a policia chagava ela dizia: “pode entrar eu não paro, não”. E o delegado nesse tempo aqui era tarraço, era o tenente Vitorino, valente que só ele. Ela dizia: “eu não vou parar o meu tambor”. Logo ela era muito envolvida com gente rica, por isso o povo respeitava muito ela (CONCEIÇÃO, 2015).

60

Elas experimentam a cidade através de um olhar fruto de sua participação não como moradora qualquer, mas como uma residente excluída. Elas são detentoras de acontecimentos dos quais elas mesmas são protagonistas ou adquirem presença dependendo da ótica de quem vê a posição de vítimas como, por exemplo, a história do Tenente Vitorino.

A zeladora Nilza Viana fala da reputação de Maria Piauí fora das terras codoenses; ela ajudou a fomentar o misticismo da cidade, uma vez que muitas pessoas foram a Codó em busca de uma solução para os seus problemas sejam eles de amor, saúde, prosperidade e etc. Maria Piauí é um exemplo emblemático, mas o que acontece com ela é o mesmo que acontece com todos os zeladores da cidade, criando o imaginário fora da cidade. Ribeiro (2012), afirma que os festejos realizados nos terreiros de Maria Piauí eram vinculados em jornais de circulação dentro e fora da cidade e nesses jornais tinha a seguinte informação “quem vai a Codó tem que conhecer Maria Piauí”.

Dona Nilza rememora esse período da seguinte forma: “Me lembro que a Maria Piauí trabalhava e vinha muita gente de fora e eu ouvia eles dizer que ela tava bem. Na época vinha gente de Belém, Rio de Janeiro e era curado mesmo”. Por esse ângulo, a cidade de Codó é referência para a religiosidade e causa expectativas nas pessoas no tocante a isso, de que o misticismo está no ar.

Os zeladores de Santo além de serem como o *Flâneur*⁴, aquele que percebe a cidade através dos sentimentos, eles são também um Quesalid⁵. O Quesalid é detentor de um conhecimento, assim como as técnicas de magias. O seu crédito na comunidade vem do que foi imaginado ao longo dos anos. Seguindo Lévi-Strauss (1967), o zelador não se tornou o “grande feiticeiro” porque curava seus doentes, ele curava seus doentes porque se tinha tornado o “grande feiticeiro”.

Portanto, os zeladores de santo ganham aceitação coletiva, dentro e fora do seu grupo religioso, dentro e fora da cidade. Seu Aluízio Mota ao afirmar o aspecto imagético da cidade tendo consideração a religiosidade afro-brasileira de Codó, infere sobre a quantidade pessoas ligadas à referida prática de matriz africana.

Essa relação, no fundo, no fundo todo mundo sabe que eles sempre se esconde, né? Isso nós sabemos que todos se esconde, a igreja católica não aceita muito a gente. Nós aceitamos porque eles têm um dizer que a gente é adoradores de deuses. Ai eles não aceita a gente, mas no fundo, no fundo eles aceita porque eles sabe que Codó é a terra do Terecô e a terra da umbanda. Aqui tem pra mais de 700 terreiros. Sem se falar nas mesinhas que tem. Tem pessoas ai que você passa na porta, não sabe se funciona. Lá pra traz tem um quartinho recebe sempre uma pessoa, uma visita, uma pessoa para trabalhar. Eles sempre fica naquela de que não gosta , mas no fundo, no fundo... Até protestante nos visita, meu filho. Eles não gostam de se amostrar que visita a gente. Mas tem outros que até pra tratar de um negócio fica bem ali não entra de jeito nenhum (MOTA, 2015).

De fato, eles são de certa forma, portadores de poder, autoridade e saber. Tudo isso faz com que os mesmos sejam reconhecidos dentro da cidade

Foucault (1982), insiste em uma ideia que atravessa toda uma obra *Microfísica do Poder*: existe uma correlação entre o saber o poder. Ninguém é titular do poder, porque ele se espalha em várias direções, em diferentes instituições, na rua e na casa, no mundo público e nas relações afetivas. O conhecimento dos zeladores de santo não é uma entidade neutra e abstrata; ele expressa uma vontade de poder.

Essas relações sociais dotadas de legitimidades aos zeladores de santo é algo que começou a se formar desde os primeiros momentos da aquisição dos terrenos para que os zeladores pudessem estruturar seus espaços sagrados. Doravante, se faz necessário aprofundar

⁴ Bárbara Freitag (2006), apresenta essa mesma sensibilidade esboçada pelo *Flâneur* de Walter Benjamin (1994). A palavra vem do verbo francês *Flâneur*, que significa “passear”, “vagar sem destino”. Significa aquele que caminha pela cidade, experimentando as diferentes sensações que ela produz sem se fixar em algum lugar.

⁵ Lévi-Strauss trabalha a ideia de eficácia simbólica. Quesalid foi o primeiro xamã indígena das Primeiras Nações, que viveu na ilha de Vancouver, Canadá.

na religiosidade como forma de sociabilidade, quer dizer, como que essa religiosidade afro-brasileira agregou as classes sociais a partir das ajudas nos terreiros de pessoas influentes.

Sobre a formação do terreiro, Dona Maria dos Santos relata como foi o processo de aquisição do lugar. O lugar adquirido foi fruto de uma oferta oportunizada pelo presidente da fábrica Companhia Manufatureira e Agrícola de Codó, o senhor Remy Archer. Tendo em vista a perseguição da Igreja Católica para com a senhora Antoninha, foi necessária uma medida por parte daqueles para atenuar as divergências religiosas.

Quando ela começou bater tambor, foi denunciada pelo pessoa católico. Então Dr Remy mandou chamar ela e deu esse terreno, mandou que ela escolhesse esse lugar para que ela botasse o barracão, botasse o povo dela para morar. Fizesse assim tipo uma vila, mas que ela não soube aproveitar e entrou outros moradores. Ali era o lugar da minha casa. Ai eu fiquei acompanhando ela (SARDINHA, 2015).

Aqui a memória individual de Dona Maria dos Santos apresenta certa contradição ou traz uma informação diferente de outras pesquisas e faz-se necessário expor com finalidade para entender-se o quanto a memória pode desconstruir e reconstruir reflexões acerca de um determinado fato. Segundo Ahlert (2013), com base em Machado (1999) e em Ferretti (2001), o terreno foi oferecido não por Remy Archer, mas pelo seu pai, Sebastião Archer.

Na mesma direção das afirmações dadas a conhecer sobre o lugar, isto é, quem ofereceu o mesmo, Aluízio Mota ratifica o depoimento de Maria dos Santos. De acordo com a sua fala, o terreno foi ofertado pelas mãos do Sr. Remy Archer, uma vez constada a necessidade de elas fazerem a sua festa distante das casas das famílias católicas as quais não suportavam os foguetes, cantorias e o movimento favorecido pelos dias de festas. Assim de acordo com Aluízio:

Foi seu Remy que deu pra Maria Antoninha no período em que ele deu as terras e deu a bola de arame pra ela botar. Mas ela nunca botou e terminou o pessoal entrando. Hoje em dia, não era para ter aquele conjunto ali, porque ele deu aquele terreno pra ela. Se tivesse murado, ali hoje tinha o terreno pra fazer obrigações, mas ficou exprimido ali (MOTA, 2015).

A montagem dos terreiros é algo extraordinária que precisa ter atenção. Os zeladores são pessoas que têm poucas posses, mas com a ajuda de pessoas influentes na sociedade codoense começam a montar seu espaço físico para o exercício da religiosidade. Às vezes o contato entre um zelador e um político, por exemplo, é intermediada por alguém da religião e que está próximo do mesmo. Falando sobre o terreiro de Eusébio Jânsen, constituído antes da chegada

de Maria Piauí, e que hoje no local foi construído um importante supermercado, Dona Iracema relata:

Era do Finado Eusebio Bijansen. Era ela aqui e ele lá. Era os terreiros que tinha em Codo. Quando ela chegou, ele não tinha salão. Ele tocava dentro de casa. A mulher que era amiga dele trabalhava com Antônio Joaquim, ai pediu aquele terreno que nesse tempo era do Antonio Joaquim e ele deu aquele terreno pra fazer o salãozinho (CONCEIÇÃO, 2015).

Depreende-se desse trecho um trato de favor que havia entre Eusébio Jânsen e o ex-prefeito de Codó, Sr. Antônio Joaquim, cujo terreno foi ofertado para que o zelador pudesse realizar suas obrigações. Isto mostra ainda que nem sempre o pedir poderá ser realizado de forma direta, às vezes pode ser intermediada por alguém. Isso foi o que ocorreu com seu Eusébio Jânsen, o que não teve uma relação direta com quem é detentor do bem, mas uma senhora que compartilhava das mesmas experiências foi quem serviu de instrumento para a aquisição do lugar. Em outro momento da entrevista, Dona Iracema mencionou quem eram as pessoas que viviam no centro da cidade e quais moravam nos arredores do seu terreiro.

Apesar disso, outra discussão que se pode tecer sobre isso é até que ponto os interesses da elite, bem como os desejos dos excluídos, se complementam. Thompson (2002), discute o quanto a cultura dos excluídos, em determinados momentos é coadunada, criando identidades opostas para cada indivíduo.

Essa concepção é facilmente identificada na fala concedida por Dona Iracema quando ela fala da primeira terecozeira da cidade de Codó, a senhora Maria Silva Lima, a Maria Piauí e a sua vinculação com os políticos:

Eram muitos amigos. Se chamavam de cumpade. Na época da política, a primeira casa que eles procuravam era ela. Até o Sarney veio. Ela tinha o retrato deles e do Dr Anselmo. Na época do finado René ele veio aqui uma vez. Eles eram muito amigos dela. Ela não tinha mais mãe, e não tinha marido, então ela veio para Codó convidada por Eusebio Bijansen (CONCEIÇÃO, 2015).

Nesse contexto, colhe-se em Ferretti (2001), algo que pode fomentar essa análise do elo entre políticos e os chefes de terreiros. No seu trabalho é demonstrada a felicidade de Aluísio Mota devido a notoriedade do seu terreiro na cidade: “[...] falou também que seu terreiro estava ganhando prestígio e que ia convidar um vereador recém eleito, para quem fez campanha aberta, para ser patrono de festa do terreiro.” (FERRETTI, 2001 p. 84).

Ser excluído e ser incluído na sociedade de Codó desde os seus primórdios evidenciam

relações de contradições que são fomentadas por interesses que se unem e ganham forças quando suas vontades estão no centro. Mais adiante, no depoimento, Dona Iracema exprime os interesses da Maria Piauí.

Quando era na época da festa eles ajudavam nas comestias, nas velas foguetes. Nesse tempo era Domingos Araújo. Naquele tempo a religião era criticada demais. Até hoje. Naquele tempo a gente não podia nem falar com todo mundo. Xingava logo a gente perguntado o que quer macumbeiro, não sabe nem o que fala (CONCEIÇÃO, 2015).

Percebe-se que ela traz à luz dois prefeitos: Dr. José Anselmo e José Domingos de Araújo. José Domingos Araújo (1973/1977) e José Anselmo dos Reis Freitas (1977/1981) tiveram seu mandado como prefeitos em sequência. A respeito do Dr. José Anselmo, não é a primeira vez que os zeladores envolvem o seu nome, dando a entender certo envolvimento deste médico com a religião em Codó. Isso ocorreu em virtude deles acreditarem que muitos problemas espirituais surgem, como foi dito acima, com características de ser uma doença física cuja cura depende de uso de medicamentos. De acordo com a narrativa, o Dr. José Anselmo era conhecido por ser detentor de alguns poderes sobrenaturais e que ele praticava às escondidas para que ninguém soubesse que ele era simpatizante, ou que tinha alguma intimidade com a religião.

Essa realidade não aconteceu apenas em Codó. Os médicos de outras regiões apontaram para a necessidade dela procurar uma pessoa que pudesse cuidá-la de outra forma, pois eles não sabiam identificar a patologia de Nilza Viana, fomentando a sua escolha pela vida espiritual. Mas é bom enfatizar que os médicos citados na entrevista têm uma familiaridade com a religião de matriz africana de acordo com Dona Nilza:

Quando foi em 88 eu adoeci. Dr Anselmo que era meu médico e ele disse pra mim e para meu marido - que meu marido nessas alturas não queria que eu frequentasse - Eu ia mesmo, mas ele não gostava. Porque o pessoal dizia que era do Satanás. Ai foi quando eu tornei a ter outra recaída. Pra te falar a verdade eu tive derrame, fui para Teresina , passei 22 dias internada sem saber do mundo. Ai peguei um médico muito bom que foi o Dr. Francisco Ramos e Dr Evaldo. Dr Francisco disse que não tava entendendo o que tava acontecendo. Foi quando ele me aconselhou: você é do Codó, volte e procure um recurso pra você, porque o problema saúde para medicina não tá tanto lhe afetando assim”. Ele passou uns remédios. Ai ele disse: “olha eu também frequento a casa do seu José Bruno e tou vendo que o seu caso tem coisas a mais que ta lhe prejudicando. Procure fazer suas obrigações como elas têm que ser feita. Vou lhe passar os remédios e tudo” (VIANA, 2015).

Assim, essa analogia faz recordar outra discussão teórica levantada por Pesavento (2001) em “Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no Final do século XIX”. No texto, a autora considera que a exclusão não é por completa o que de fato existem são diferentes tipos de exclusão na sociedade. A autora procura trazer à tona conceitos como exclusão/inclusão cidadania e marginalidade.

Tudo isso leva a pensar a religiosidade como forma de sociabilidade que em algumas vezes é dotada de contradições e de significado e sentido. Remete pensar, também, a religiosidade e sociabilidade dentro da cidade de Codó para a formação dos terreiros, bem como as relações sociais que são possibilitadas e estabelecidas pelos terreiros.

Nesta mesma direção é relevante analisar a marginalidade não apenas pelo rechaço os quais passam os zeladores de santo, mas entendê-la pelo viés da localização dos terreiros. Na época, quando da fundação dos terreiros, os mesmos encontravam-se em área afastada no núcleo citadino. Assim, os zeladores ocultavam a fé não só no sentido da vergonha, mas eles mesmos classificavam a sua prática religiosa como aquilo que não era bem visto, bem quisto pela sociedade.

A sociedade tem certo fascínio secreto pela religião afro, mas a marginaliza, pois ela não se adequa à “ordem vigente”. Pesavento colabora nesta ideia trazendo a tese de que a marginalidade “marca, pois, uma distância, mas não uma negação absoluta, um impossível acesso ao tal reconhecimento social e ao mundo da distribuição da riqueza e do poder” (PESAVENTO, 2001, p. 21).

Colhendo mais informações sobre a religiosidade como forma de sociabilidade, foi aceitável apreender como são latentes as contradições na simetria entre zeladores de santo e políticos. Observa-se nesses depoimentos que, mesmo tendo a troca de interesses discutida acima, há também a falta de assistência dos políticos em alguns terreiros. É bom salientar que não há incoerência nas ideias, mas uma análise das contradições, ou seja, o trabalho evidencia que a relação entre um campo e outro não é harmoniosa, mas dialética.

Quando se fala aqui em sociabilidade, observa-se como ela se dá essa realidade. A forma como ela acontece é totalmente diferente, visto que esta se realiza às escondidas e não na frente do terreiro. As entrevistas evidenciaram esse fato no momento que elas apontam para a relação entre os religiosos e os políticos. Todos sabem que os políticos vão atrás dos zeladores para efetivar seus interesses, porém poucos os veem; a “calada da noite” é o horário mais propício para que a sociabilidade se concretize.

Na fala abaixo seu, Aluizio Mota fala das ajudas de custo que aconteceram de forma satisfatória, salientado que os políticos o ajudaram sempre no que foi necessário e apontou para

algo que Dona Terezinha de Jesus também já havia apontado: o fato deles nunca terem precisado de trabalhos de intercessão para os seus interesses. Aqui, essas narrativas revelam uma assimetria que não é a mesma proposta por Dona Iracema, uma vez que essa zeladora mencionou que sempre os políticos ajudavam Dona Maria Piauí no que ela necessitava.

Todos (políticos) frequentavam. Sempre frequenta quando chega esse período. Eles sempre são amigo da religião. Eles gostam de vir acompanhar, gostam de vir assistir. Tem vez que vem assistir, tem vez que não vem, mas eles dão cobertura pra gente. Eles mandam qualquer ajuda pra festa, pra todas nossas casas que temos terreiro aqui em Codó. Todas elas nós temos essas pessoas que nos ajuda. Ele (ex prefeito Ricardo Archer) nunca me cobrou um trabalho e teve também um prefeito que me deu esse muro ai da frente que foi o Zé Inácio. Mas esse era porque somos amigos desde a época do catecismo e fizemos catecismos juntos e fizemos a primeira comunhão juntos (MOTA, 2015).

Até o presente momento foi narrado o rito de iniciação, como que os zeladores foram ganhando respeito gerando o seu prestígio por serem reconhecidos dentro da cidade, bem como a capacidade deles refazerem Codó pela áurea mística que encobre todos os cidadãos e a religiosidade como forma de sociabilidade, isto é o relacionamento entre esses condutores religiosos e poder público, a capacidade que a religião tem de agregar as classes sociais.

As entrevistas disponibilizaram subsídios para entender como a cidade foi se formando a partir da ótica religiosa, não a urbe física e sim a cidade intangível, o território imaginado, ou seja, a cidade religiosa. Não apenas a ideia que as pessoas têm de Codó, mas a concepção simbólica que os zeladores têm da cidade. Tudo isso é imaginado pela capacidade que os zeladores têm de dar sentido à cidade. Assim, eles se instalaram originando a sua identidade. Eles têm uma sensibilidade capaz direcionar tudo em sua vida para a questão mística e religiosa.

Com essa perspectiva, a vinda de Dona Maria dos Santos para juntar-se a Dona Antoninha foi uma sucessão de acontecimentos favoráveis ao seu deslocamento da cidade de São Luís para a cidade de Codó. A sua nomeação condicionou a sua vinda para Codó. Diante disso, ela foi obrigada a aceitar fazendo com que fomentasse mais ainda a ideia de Codó como o local onde esta se estabeleceria espiritualmente.

Nesse contexto é importante salientar que em seu testemunho, além de Maria dos Santos e Mãe Antoninha serem as primeiras moradoras, cuja tentativa de ocupar esse espaço lhes foram confiadas, há ainda a presença de outra pessoa. Ela destacou a senhora Madalena, filha de santo de Dona Antoninha, bem como o seu tocador de tambor, Raimundo Nonato, conhecido por Donato. Estes foram os seus primeiros vizinhos, os quais vieram morar junto de

sua mãe de santo para ajudar nas obrigações e também pelo desejo de estarem próximos de suas norteadoras espirituais ou por forças sobrenaturais.

Morou um tambozeiro dela, Raimundo Nonato. Chamavam ele Donato, né? Bem aqui nesse colégio morava uma senhora que carregava seu Antônio Boji. A finada Madalena, com o povo dela, a família dela e ela alí na rua da Bomba. Aqui só vinha para as obrigações. Quando dava uma época dessa, caía tudo, era de barro. Quando eu vim aqui na década de 80 ela disse “olha, minha filha, faça a sua casinha aqui. Eu vou para São Paulo”. Passei então a ocupar esse lugar aqui (SARDINHA, 2015).

Como citado acima, além do desejo da filha de santo de ficar próxima daquela que é condutora de sua vida espiritual, há ainda outras forças impulsionadoras capazes de atrair aquele filho de santo que está e vive a sua vida em outra cidade, para ir morar na cidade de Codó. É nesse contexto fomentador que Dona Maria dos Santos entende que a cidade de Codó é a terra do tambor, terra da magia.

Durante a entrevista de Dona Maria dos Santos, foi revelado algo extraordinário e que merece uma atenção especial. Essa análise é a respeito da ordem de criação do terreiro. Foi dito por ela que, antes os filhos de santo de Antoninha dançavam na Tenda Santo Antônio, em certo momento, Dona Antoninha chamou a sua filha de Santo para montar o seu barracão.

Quando deu um dia, o guia dela me chamou e disse: “Maria, vamos fazer um barracão pra nós, minha filha?”. Eu disse: “o senhor que sabe!” Foi na época que o doutor Remy deu o terreno pra ela. Ele veio e construiu aqui. Tá li no meu livro de ata. [...] eu acho que o guia manda. Quando ela veio construir aqui ela não me disse, mas o guia dela me chamou e disse: “vamos construir um salão pra nós, Maria, porque nós já somos muita gente, já estamos incomodando os outros nos seus barracões”. Porque quando a gente chegava, os donos tinha que arredar pra gente dançar. Então eu suponha que ele teve uma permissão de alguém que tinha um grau maior do que o dele e cedeu essa parte pra ele. (SARDINHA, 2015).

Depreende-se dessa fala o grau de participação do encantado guia no aceite do lugar. Doravante, as entrevistas mencionarão a participação dos guias na escolha do espaço para erguer o terreiro. Até então não se tinha deparado com esse viés, tal que na entrevista com a mãe de santo da Tenda Santo Antônio não foi trazida à luz essa reflexão a respeito dos encantados e a escolha do lugar.

A cidade que se forma é a aquela que cresce não somente pela vontade dos homens, mas que depende piamente do desejo do encantado da mãe e do pai de santo. Seu Aluísio Mota ratifica o mesmo pensar de Dona Maria dos Santos, de como é importante o papel do

encantado na escolha do local para erguer o espaço sagrado, e que os encantados influenciam em tudo que os zeladores fazem

Tudo que a gente constrói é com a licença dele. Todo ano eu faço a minha festa de 27 a 1º de setembro... Mas se tiver um ano que ele não quer a festa. O aniversário da minha guia é todo ano, 29 de novembro. Esse ano ela não quis 29 de novembro. A Dona Rosinha tem todo poder. Eu ir para um festejo e ela não quiser que eu não vou, eu não vou. A gente recebe a mensagem como todos pai de santo. Tem vez que uma coisa vai acontecer e ele deixa a mensagem. (MOTA, 2015)

Como é possível observar, pelo depoimento, a influência do guia é tão grande que chega a mudar os dias de festa! Diferente da Igreja Católica, cujas festas dos padroeiros ocorrem sempre no dia, as festas dos encantados podem alterar a qualquer momento, mostrando assim certo dinamismo.

Ainda sobre essa discussão, é importante trazer aqui outra zeladora de santo que constrói a sua narrativa com a mesma perspectiva dos demais, a respeito da concepção de que o encantado pode interferir na escolha do lugar, ou seja, o poder imposto por ele permite o moldar da vida dessas pessoas. Dona Terezinha de Jesus mencionou isso quando falou dos diversos lugares em que ela morou:

Quando eu ia mudar de um local para outro eu não podia mudar sem a licença dele. Eu tinha que mudar com a licença dele porque não adiantava eu mudar sem a licença e não ser feliz, né? Eu não ficava no local que ele não queria e digo mesmo, no dia que ele autorizar pra me vender isso aqui, eu vendo e vou me embora (CRUZ, 2015).

Desse modo, foram traçadas as histórias de vida dos zeladores de santo. Eles contaram a história da cidade pela sua ótica. A visão daqueles que sempre ficaram esquecidos pela historiografia tradicional deu outro entendimento sobre o processo da constituição simbólica da cidade de Codó. Os zeladores de santo narraram outra forma de pensar esse crescimento.

Em um primeiro momento acredita-se que os terrenos foram doados por políticos, os quais consideravam esses zeladores como a classe sem cultura e que, como qualquer outra manifestação africana, tinha que estar distante da cidade, entretanto não foi somente por isso. Foi relevante a participação dos guias de cada pai ou mãe de santo que decidiram o local onde seria estruturado seu terreiro para a crença desses zeladores de santo.

Dentro das possibilidades de fixação no lugar, é oportuno analisar o que havia no espaço escolhido. Aqui se deparou com uma das problemáticas deste trabalho, a reflexão do “aqui tinha

só mato”, ou seja, os praticantes das religiões de matriz africana foram os pioneiros a ocupar os locais mais distantes da cidade. Verificou-se durante as outras entrevistas a recorrência com que era mencionada essa expressão. Nilza Viana apontou que:

Aqui era mato quando a gente veio para cá. Que eu fiz minha casa de morada, isso aqui tudo era mato, onde o povo ia caçar lenha. Então já foi na época de 60 para cá. Codó só chegava ai perto do cemitério. Ai, tinha umas casinhas aqui, outra lá e essa rua Piauí e a César Brandão, que é antiga. Depois que foi crescendo, que foi povoado. Quando começou, foi logo que povoou. O meu terreiro é como eu te disse, é o mais novo. Porque o de Caboclo era aqui em baixo. Então as pessoas ia e escolhiam seu lugar. Tinha que ser fora, distante para não perturbar. Assim que diziam a população e que era uma coisa que não era bem vista. Então tinha salão, tinha lugar que nego fazia dentro do mato, escondido para nego não ouvir nem o batuque. Quem já veio trazer mesmo para dentro da cidade foi Eusébio Bijansem e Maria Piauí, que tiveram peito de fazer dentro do Codó. Só que naquela época pra li era só mato. Codó se resumia quase nesse pouquinho ai nesse coraçozinho de Codó. (VIANA, 2015).

Dessa maneira, Dona Nilza deia claro que realmente, na época de Dona Maria Piauí, o local onde foi construído o seu terreiro não era considerado cidade, ou seja: a cidade só era até onde hoje é o centro de Codó. Assim, ela evidenciou os primeiros moradores desses locais como os pioneiros a trazer para mais próximo da cidade os seus terreiros. Portanto, Maria Piauí e Eusébio Jânsen foram os pioneiros.

Concordando com Iracema e Aluízio e Nilza Viana, Dona Terezinha de Jesus também ressaltou essa expressão legitimando o seu pioneirismo nos bairros da cidade de Codó. Quando essa chegou onde hoje é o seu terreiro, não tinha as mínimas condições, pois não havia água encanada nem fiação elétrica, obstáculos esses que foram vencidos por ela e hoje é símbolo de vitória, visto que muitas outras dificuldades surgiram ao longo de sua estada no seu bairro.

Aqui não tinha ninguém. Só mato, só Malíssa e osso de bicho que morria. Aqui não tinha nada, não tinha água, não tinha luz. Quando mudei pra cá, que começamos puxar uma aguinha. Mas graças a Deus eu tou feliz, eu tou no meio da rua. Eu mudei pra cá. Aqui só era mato, nego tirava pau pra fazer carvão. Primeiro quem chegou aqui foi eu e mais meu menino. Ai foi chegando, foi chegando foi chegando ai eu disse: “tou no meio da rua” (CRUZ, 2015).

Para a concatenação da memória de Dona Terezinha de Jesus ocorreram algumas dificuldades previsíveis, pois esses empecilhos correspondem a qualquer obstáculo que um historiador pode enfrentar, em se tratando de reordenação da memória de um indivíduo. Durante a entrevista pôde-se alcançar o quanto a Dona Terezinha ocultou alguns pontos

interessantes e importantes da sua vida. Contudo, isso pode corresponder a um silêncio ou não. Talvez essa omissão ocorreu em virtude da não confiança por parte dela para com o entrevistador. Em muitos momentos da entrevista ela interrompia querendo saber o porquê das perguntas principalmente quando se reportavam aos seus encantados.

Talvez seja por isso que Cardoso (2000), expressa à especificidade desta narrativa histórica como um estudo que procura encontrar uma forma de narratividade cuja composição possa oferecer subsídios para dar conta dos entrecruzamentos temporais a partir do desenho daquilo que ela chama de “ausências” na história que são motivadas pelos dos esquecimentos, silêncios, e o não-dito.

A cidade de Codó não tem mais a mesma face como era no século passado, quando da expansão da cidade com os terreiros. Muitos dos terreiros findaram-se, viraram casas de morada. Os únicos mais antigos serviram de memória para a sistematização desse trabalho no sentido de entender como que os terreiros e zeladores de santo vão construindo uma subjetividade dentro da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

70

Esse trabalho foi um descortinar dos espaços religiosos e dos modos de viver e morar, além de permitir identificar e compreender melhor modos como esses moradores projetam, constroem seus territórios. Dessa forma, este estudo não buscou igualar as formas de manifestações culturais e sociais que há nesses lugares, mas deseja colocar em destaque e reflete essas diferenças que podem representar importantes descobertas.

A memória serviu como objeto, uma vez que ela se faz luz pela oralidade do zelador e permite conhecer a cidade partindo da história do terreiro e da vida do zelador de santo. Benjamim (1994) e Le Goff (1990) ajudam a entender o dinamismo da memória, bem como as suas implicações na formulação do conceito de cidade.

Nesse sentido, o trabalho com a memória desses zeladores permitiu estabelecer uma análise da cidade pelo viés dos excluídos, ou seja: daqueles os quais estiveram durante muito tempo esquecido ou tido como sem história. Esses zeladores junto com seus terreiros fizeram e ainda fazem parte da história de Codó. Eles contam a cidade através de suas histórias de vida.

Buscou-se entender as circunstâncias que favoreceram a fixação dos zeladores em seus respectivos territórios. Partiu-se da vida desses personagens no sentido de extrair de suas histórias de vida a sua visão da cidade. A conexão que se pode estabelecer entre o encantado e o poder público são de extrema magnitude, pois traz à luz caminhos diferentes de

entendimento da cidade de Codó, mais precisamente do terreiro de santo.

A princípio é levado a acreditar que os políticos, bem como o contexto histórico, contribuíram para segregar e colocar os zeladores à margem da sociedade; não obstante, há outro viés extremamente importante que evidencia outra explicação. Esse viés parte dos próprios religiosos, isto é, vontade de seus guias espirituais que exercem forte influência na escolha do local onde será construído seu terreiro.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Martina. *Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)*. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1)

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. Tempo social. *Revista Social*. São Paulo, p. 3-12, nov. 2000.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?*. São Paulo: Siciliano, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Gaal, 1982.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas: Papyrus, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, cidades Sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./ jun. 2007.

_____. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

RIBEIRO, Jéssica Cristina Aguiar. *Saberes e fazeres das práticas afro-religiosas: a representação de Codó como meca da macumba maranhense e a construção dos estigmas de Bitá do Barão de 1950 a 1990*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, MA, 2012.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ENTREVISTAS

CONCEIÇÃO, Maria Iracema. Entrevista concedida em maio de 2015.

CRUZ, Terezinha de Jesus da. Entrevista concedida em maio de 2015.

MOTA, Aluízio. Entrevista concedida em maio de 2015.

SARDINHA, Maria dos Santos. Entrevista concedida em maio de 2015.

VIANA, Nilza Moreira. Entrevista concedida em maio de 2015.